

alice
granada

portfólio curatorial

alice granada



Tecnologia, corpo e identidade são os três grandes eixos estruturantes de minha pesquisa curatorial, e do tensionamento e das diversas intersecções destes conceitos surgem as curadorias e textos que produzo. O corpo que come, cresce, luta, sofre, ama e morre, lócus de beleza sublime e violenta abjeção; a busca e fuga da identidade, aspecto transiente e fugaz, mas inescapável, da existência humana; a tecnologia no núcleo da sociabilidade e corporalidade contemporâneas. A tecnologia que remolda o corpo a serviço da identidade. A identidade que se reconfigura a partir da interação des/incorporada do sujeito com suas tecnologias. etc., etc.

Tais temas seguem diretamente de minha história, marcada por intenso interesse em tecnologias digitais e pesquisa acadêmica em ciências naturais e sociais e filosofia, bem como de minha existência como mulher transgênero e sáfica, influências pessoais que oferecem um caráter especialmente autoral às minhas movimentações como curadora. Minha prática se orienta, ainda, pela formação de relações de proximidade junto aos artistas com quem trabalho, buscando participar de seu processo criativo fornecendo assistência ou acompanhamento curatorial sempre que possível.

Acredito que o texto curatorial, ao contrário de uma crítica ou ensaio acadêmico, pode constituir uma obra de arte adicional, suplementando a seleção de trabalhos dos artistas participantes de uma exposição não apenas com análises sobre seu significado ou criação, mas também com imagens, sons e sensações que contribuem para a construção de consistentes ambientações e alegorias conceituais, oscilando em cada texto entre a poesia e a reflexão crítica e analítica.

Além de curadora, sou sócia do escritório [Granada Nakagawa Advogados](#), especializado em arbitragem, contratos corporativos, proteção de dados e regulação de tecnologias, além de mestre em sociologia do direito (2023), bacharel (2018) pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e licenciada em Direito pela Université Lumière Lyon 2 (2018); co-criadora do [Guia da Disforia de Gênero](#), repositório de divulgação científica acerca de transgeneridade, e uma das idealizadoras do [Canil Lésbico](#), festa sáfica exclusiva para mulheres e pessoas trans.

Mais informações em meu site - zynphull.com.



Um Beijô

o beijo exprime o desejo de consumir o objeto beijado.

beijamos pois gostaríamos de lambem, lambemos o que queremos morder, mordemos para mastigar, deglutir, digerir e transformar cada pedaço do alimento em parte constituinte de nosso próprio corpo: comer e dar de comer formas de fundir comensal e coisa comida; gula e luxúria pecados irmãos.

se a carne viva impede o ímpeto de arrancar pedaços e engolir, fazemos do beijo investigação tátil olfativa gustativa da pele e do pelo da púbis, pratos principais – o que não se engole não esgota nem estraga e pode pra sempre ser saboreado.

enlaçando teus lábios em sucção sobre bagos de uvas colagenosas e macias, o dulçor almíscar do meu couro cru atijando tuas bocas – minha língua um dedo, tateando-saboreando o suor por entre cada lábio, maior, menor, cada sulco da tua pele temperado de tu, aroma natural de suco cervical, coquetel clarificado. teu pau na minha boca, tendão tenro que logo grosso intumescido enche a garganta, me deixa comendo até babar, sem mastigar engasgando até fazer jorrar, ósculo de saliva minha e saliva tua.

banquete ostentatório. ágape mundano.

em um de seus textos, Sêneca escreve como em banquetes de iguarias delicadas importadas nobres induziriam vômito em si mesmos para voltar a deleitar-se com os alimentos que não tiveram a chance de provar em razão das limitações físicas do estômago.

pretendia Sêneca que sua descrição servisse de acusação, denúncia do declínio moral de uma Roma da qual acabara de ser exilado sob acusação de adultério: “eles vomitam para comer, e comem para que possam vomitar,” escreveu, com ressentimento e recalque estoícos. sábia, sim, a nobreza que não admite que a saciedade do corpo obstrua a saciedade do espírito.

v



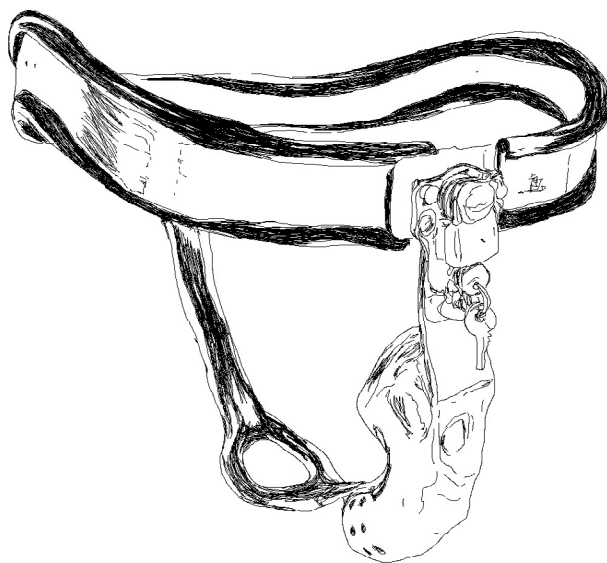
Um Beijão

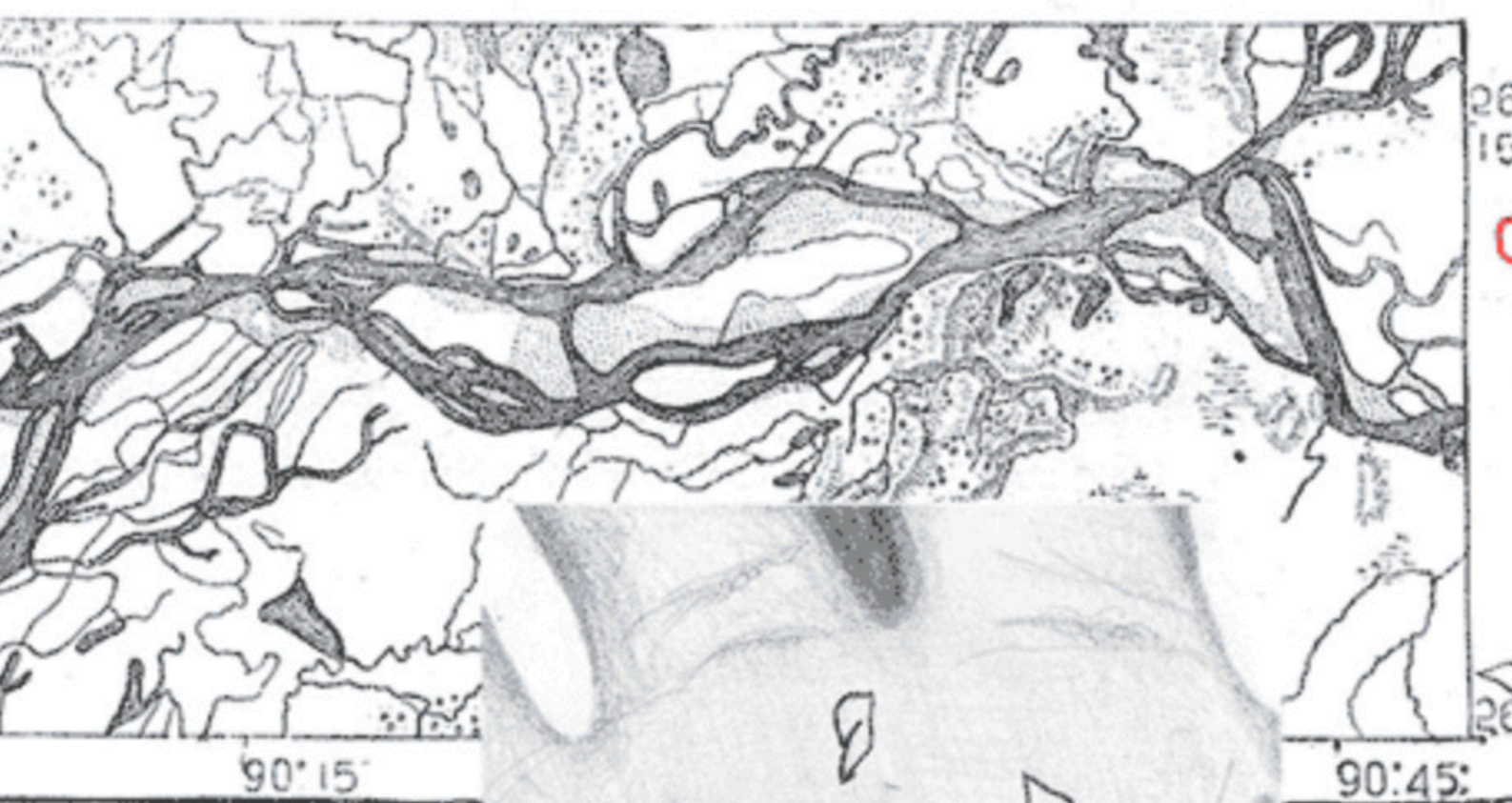
escopo de trabalho Texto curatorial

artista Nuno Q. Ramalho (RJ)

local Calma Bar
R. Arnaldo Quintela, 51
Rio de Janeiro - RJ

período de exibição 10 de setembro de 2025 a
15 de janeiro de 2026



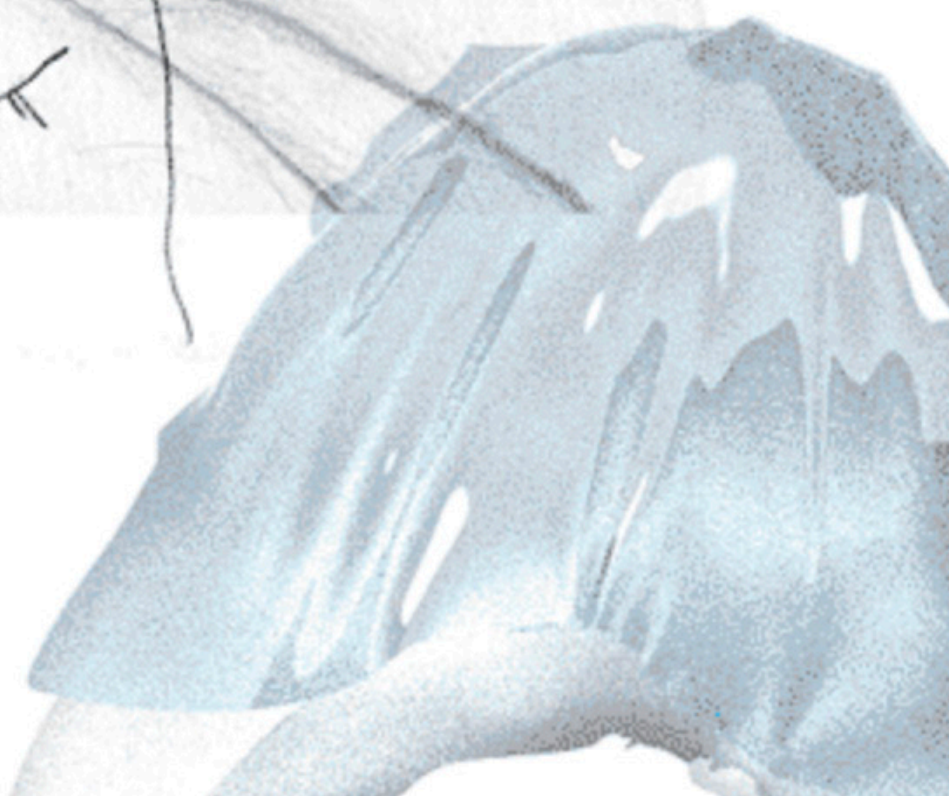


good yea, just growing strength
to face the dishes lol

you?



Good for u i'm a li



CORPOS DISTANTES AINDA ATRITAM

em sua produção artística, Jéssica Luz transita sem esforço entre uma diversidade de estéticas, mídias e humores: da ironia sagaz de sua pintura à sinceridade solene e meditativa de sua obra instalativa e de performance, passando pelo existencialismo cômico de sua produção gráfica e têxtil, sua obra rejeita a aparência trivial de consistência que vem com a adoção monogâmica de um só estilo ou suporte. seu compromisso reside não com a matéria particular eleita para compor um trabalho, mas antes com a ideia que motivou sua criação; ideia que determinará então a forma que irá tomar. em **CORPOS DISTANTES AINDA ATRITAM** vislumbra-se então um incômodo investigativo que não é pictórico nem formal, mas conceitual, quicá epistemológico, e que poderia ser resumido em uma questão: que sou eu?

que sou eu contigo, com quem desejo parceria partilha paixão e presença, quando sei demais sobre a realidade do capitalismo tardio dos redpills da masculinidade performativa da misoginia e do heterofatalismo? o que somos nós juntos se superamos combinamos discutimos refletimos e ressignificamos a entidade casal mas da porta pra fora a minha mãe seus amigos e o tio da padaria ainda me veem como sua posse?

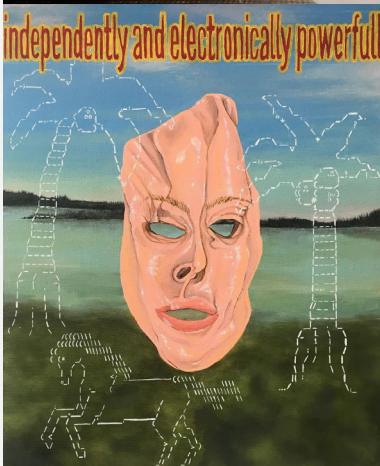
o que é você para mim, quando cessam tuas notificações e mensagens de texto, e o silêncio seco substitui o contato que pretendia parecer interesse genuíno?

que sou eu no pós-internet, em que à minha imagem e semelhança crio usernames posts tweets stickers avatares gifs perfis e timelines personalizadas algoritmicamente para cuspir de volta tudo que supostamente mais me rouba a atenção? que sou eu quando o inefável existir da alteridade física encarnada respirante gesticulante transpirante sou forçada a reduzir-me artificialmente a três fotos e uma bio com emojis? que sou eu quando me torno nada além de três fotos e uma bio com emojis?

ou ainda – que somos nós quando distantes um do outro? quando tudo que enxergas ao me ver é a existência truncada em uma chamada de vídeo de baixa qualidade em uma webcam barata, quando tudo que ouço do que falas é o que digitas em meu chat, quando todos nossos toques são mediados pelo que conseguimos (decidimos) transmitir um para o outro... seríamos mesmo algo? que somos nós quando representações, sombras, Fantasmas tomam o lugar da carne? o que éramos antes disso? que somos além disso?

na Física, a ação de um corpo sobre outro depende, em geral, de alguma proximidade espacial entre ambos. uma bola de bilhar parada precisa ser estimulada fisicamente por um taco para entrar em movimento. nós, objetos relativamente mais complicados que uma esfera perfeita sobre um plano sem atrito, podemos sofrer graves impactos mesmo na ausência de qualquer toque físico: fótons e tinta portanto podem igualmente nos induzir amor e sofrimento mesmo na ausência de qualquer força externa. o corpo é atravessado de emoções ao mero pensamento de seu objeto de desejo ou repulsa, esteja este onde estiver, seja real ou imaginado. mesmo distantes, atritamos.





CORPOS DISTANTES AINDA ATRITAM

escopo de trabalho Curadoria e texto

artista Jéssica Luz (PR)

local Galeria Ponto de Fuga
R. Saldanha Marinho, 1220
Centro, Curitiba

período de exibição 4 de setembro a
9 de outubro de 2025





trinca

trinca (substantivo feminino)

- 1. Rachadura ou fissura em superfície sólida;** pequena abertura ou fratura geralmente causada por impacto, tensão ou desgaste: *A parede apresentou uma trinca após o impacto do martelo.*
- 2. Conjunto de três cartas de mesmo valor num jogo de baralho,** formando uma combinação específica segundo as regras de certos jogos: *O jogador revelou uma trinca de ases na rodada final.*
- 3. Conjunto de três elementos, pessoas ou coisas,** reunidos ou agrupados por alguma característica comum ou por estarem associadas num mesmo contexto: *A trinca de arruaceiros causou confusão na praça.*

A **trinca** aqui exposta apresenta artistas com três linhas de pesquisa que, partindo de distantes origens em termos de mídias, suportes e processos, ainda assim convergem em sua intenção de criar rachaduras: seja na percepção sensorial e na interpretação que damos a uma imagem, nas expectativas sociais que guardamos sobre como um corpo humano pode ou não ser enxergado, ou ainda na matéria física mesma de que se produz uma obra de arte.

_i. Gabriel Almeida abre a partida com um conjunto de pinturas inéditas da fase mais recente de sua produção, em que fissura o espaço liminar entre a sensibilidade contemplativa do gênero paisagem e a expressividade de seu simbolismo - de sabor particularmente místico - sem perder de vista sua sempre presente sagacidade na escolha de temas e sujeitos; atravessando escalas que ora demandam uma fruição distante, ora os olhos colados sobre a tinta, sem jamais comprometer a complexidade pictórica de suas pinceladas.

_ii. Em sua jogada, **Cacau** apresenta uma série de instalações e objetos, concebidos diretamente para e sobre o espaço da galeria: cartas, vidros, pedras, cacos, garrafas, tijolos, que materializam sensações, situações e visões ubíquas ao urbano – os escombros de construções e máquinas, a sorte e o azar, as incessantes filas, violências, gozos e vícios, o habitual que se repete de maneira obsessiva, o ser que consome a si próprio como a si própria consome a cidade.



_iii. Já **Gabriel Katsuhiro**, pela primeira vez exibindo um conjunto unificado de sua obra, monta uma canastra suja de cenas criadas a pinceladas decididas, composições de contraste alto e cores em saturação baixa – com imagens que vão da iconografia religiosa tradicional à crueza do fetichismo sadomasoquista e revelam em comum um olhar para estados sublimes da experiência fenomenológica, em notar do corpo e da carne em momentos em que o espírito toma sobre elas precedência.

Uma trinca não implica necessariamente em destruição total; revela antes a fragilidade das estruturas que racham, evidenciando a necessidade de reparos ou, por vezes, de completa reconstrução: seja da realidade em si, seja de nosso olhar sobre ela.



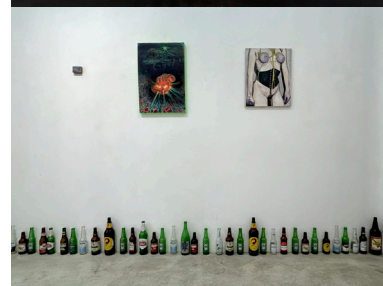
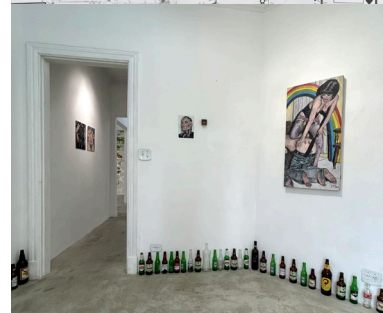
trinca

escopo de trabalho Produção, curadoria, texto e expografia

artistas Cacau (SP)
Gabriel Almeida (SP)
Gabriel Katsuhiro (SP)

local Galeria Gare
R. Cubatão, 959, Vila Mariana
São Paulo, Brasil

período de exibição 21 de junho a
19 de julho de 2025







ORGANISMO SINTÉTICO

Já foi possível ser otimista com relação à tecnologia. Da posição ingênua que viu o desenvolvimento de usinas e armas nucleares e não enxergou na inovação da técnica nada além de “novas ferramentas”, passamos por uma geração que comprou a narrativa de que a internet criaria um mundo novo, onde pessoas poderiam conectar-se entre si e compartilhar conhecimento (o que de fato ocorreu) de maneira direta e livre da influência do Estado e de grandes corporações (o que não ocorreu, mas por um momento muito breve pareceu plausível), para hoje habitararmos enfim *Zeitgeist* em que CEOs publicamente promovem frenesis semirreligiosos que vão da fuga para Marte à chegada da Singularidade, pretendendo converter modelos de linguagem em literais messias, oráculos alternadamente divinos, alienígenas ou supra-humanos encarnados em equações derivadas e GPUs. Com micoplásticos nadando ao lado de nossas mitocôndrias e nossa capacidade cognitiva de atenção negociada como commodity, parece evidente que atingimos algum tipo de pós-Humanidade – mas talvez não aquele sonhado por Haraway.

Frente a uma tendência histórica que parece levar ao inexorável apagamento da subjetividade e de qualquer barreira entre o “natural” e “artificial” em nossos corpos, paisagens e pensamentos, como pode o artista contemporâneo reagir? Uma resposta, bem intencionada mas natimorta, é a rejeição completa e quase ludista da presença da máquina na criação artística, o fazer artístico aqui romantizado como território da introspecção genial, intimidade por excelência purificada da contaminação pelo não-Humano. Seguindo uma linha difusa de diferentes pesquisas que inclui Warhol e sua serigrafia, a música estocástica de Iannis Xenakis, ou ainda o ready-

made, mas que se poderia dizer inicia com o azul de cádmio, primeiro pigmento sintético, ou ainda com o uso da camera obscura, uma resposta alternativa é abraçar a artificialidade da técnica e as possibilidades criativas que introduz, negando qualquer diferença essencial entre a cerâmica e o polietileno de alta densidade, ou entre o pincel e um modelo de difusão latente de geração de imagens.

Esta última é a posição de Gpeto em sua pesquisa, que há anos mescla em seu processo criativo a utilização de inteligência artificial, treinada a partir de suas próprias pinturas, para a geração de imagens que viram então referências para novas pinturas, em ciclo de retroalimentação pictórica que admite uma continuidade (ou parceria?) entre máquina e artista. Em *ORGANISMO SINTÉTICO*, primeira exposição centrada em sua pesquisa escultórica, o artista apresenta obras em que tanto forma e tema reforçam esta mesma tese: agressivos e sedutores, corpos de espuma expansiva de poliuretano mimetizam como sublimes quimeras tentáculos munidos de chifres, serpentes em posição de ataque ou ainda vulcões próximos à erupção. O acabamento resinado brilhante, que ora proporciona às esculturas aspecto mucoso, pulsante e visceral, ora traz nas pinturas aparência vitrificada e asséptica similar ao de telas de televisões ou celulares, evocando repulsa e desejo simultâneos. Na Natureza sintetizada por Gpeto, pinturas e esculturas sangram como fígados e corações, e animais sem alma perambulam livremente pelos campos como pássaros, gazelas ou chimpanzés: o que nos resta é contemplar nossa própria Criação.





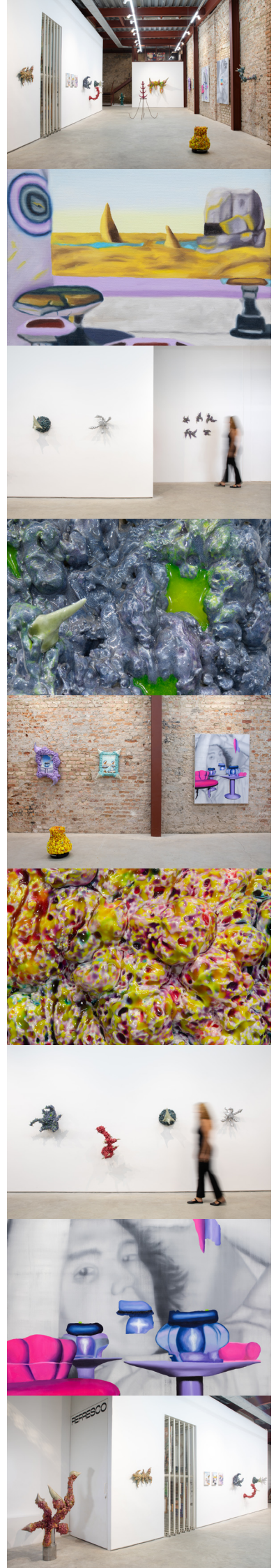
ORGANISMO SINTÉTICO

escopo de trabalho Texto curatorial

artista gpeto (RJ)

local Galeria Refresco
Rua do Rosário, 26, Centro
Rio de Janeiro, Brasil

período de exibição 17 de julho a 4 de setembro
de 2025







ESTADO DE ENGANO

conversar com Céu buscando manter uma sequência linear lógica ou previsível de pensamentos é buscar o fracasso (esta que vos escreve aprendeu a lição). você logo entende que deverá abrir mão de qualquer pretensão de controle sobre o significado das palavras que enuncia: estas serão por Céu tomadas, abertas e remoídas, suas entranhas expostas e partes fatiadas, e então devolvidas de volta, irreconhecíveis mas ainda inegavelmente presentes, em pedaços, órgão a órgão – agindo elu não como um legista que analisa a causa mortis, mas como um habilidoso açougueiro que lhe apresenta a infinitude de diferentes cortes que você tem à disposição. você pode preparar pratos deliciosos com esses ora insumos, ou pode se ofender porque avisou que é vegetariana e abomina carne. em todo caso, você não terá muita escolha. qualquer palavra está apta ter sua polissemia metafórica, semântica, fonética ou etimológica desnuda, explícita. não existe barreira entre literal ou figurativo. elu é assim. nas suas próprias palavras:

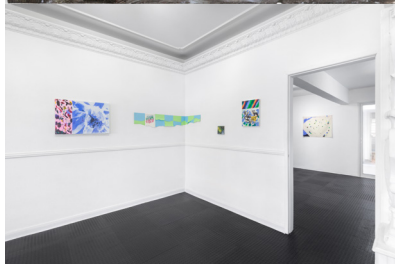
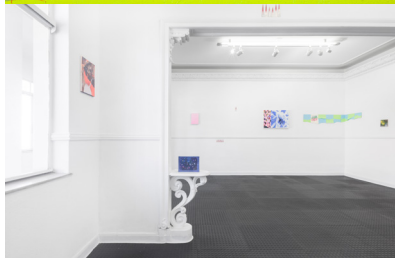
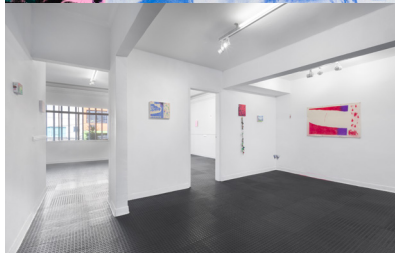
As imagens foram criadas para tentar fixar o tempo ou retornar a um tempo. As palavras, por sua vez, foram criadas para colocar as imagens em linha, para organizá-las, para fixar a experiência no tempo. A questão é que, toda vez que olhamos uma imagem ou lemos uma palavra, ela muda. Estamos voltando não para a experiência em si, mas para o seu vestígio. E aqui também há polissemia, ambiguidade.

observar a produção de Céu tentando classificá-la sob o binário figurativo/abstração é também uma aspiração fútil: não lhe interessa tornar presente (ou representar) qualquer significante, mas antes a exploração do vestígio que surge a partir da ausência: ausência do objeto, ausência de compromisso com a fidelidade da informação original nas transformações (do mundo em filme, do filme em foto, da foto em impressão, da impressão em desenho, do desenho em pintura, que é parte do mundo também), ausência de objetivo definido previamente à fatura. não se trata puramente também de exploração formalista. o que importa é sim o que surge a partir do processo de trabalho, e principalmente o efeito sensorial provocado. como ela diz:

O que estou fazendo? Traço uma sombra, um canto, um resquício de imagem. Trago-as ao mundo com a maneira que sinto na ponta dos dedos, no gosto da minha boca, no gesto da saudade daquilo que perdi. Torno o encontro propício entre memória e matéria. Isto é amor? É minha vingança. Minha vingança contra o esquecimento. minha vingança contra o cercamento desse mundo. É um coro de meus reflexos; cabe nas mãos, nas palmas.

em uma de minhas primeiras conversas com Céu falávamos sobre sua expressão de gênero – como pessoas transgênero, estamos acostumados à confusão mental que nossos corpos causam em pessoas cis, mas elu consegue causar dúvida mesmo entre nossos pares *gender non-conforming*, que com frequência não fazem ideia qual pronome utilizar para se referir a ele. é claro, ela diz, não importa, qualquer um vale. o pronome não diz respeito à biologia – e na medida que quem pergunta sobre esse signo deseja somente saber sobre a carne, Céu mantém a todos em um perpétuo estado de engano.





ESTADO DE ENGANO

escopo de trabalho Curadoria, texto e expografia

artistas Céu Isatto (RS)

local Iapa, Lapa
Rua Afonso Sardenha, 326, Lapa
São Paulo - SP, Brasil

período de exibição 13 de junho a 11 de julho de 2025





BOCA A BOCA

Dos carvões sobre papel de Isabelle Passos, que opera com barroca maestria a distância entre o negrume e a luz para olhar pele derme mucosa bem de perto; das composições heavy metal de Heloisa Franco, com pinceladas à base de micro-retificas e solvente – em aberto contraste com a delicadeza semi-angelical da seda pintada com traços leves de Patrícia Baik; às cartografias surreais de Jade Marra, cuja acrílica materializa símbolos de presença e ausência, misturando sonho e vigília, físico e sensível; a Lui Trindade, cujos objetos a base de latex pensam a superação de binarismos corporais fundamentais: dentro-fora, vivo-morto, atraente-repulsivo; ao gesto pseudo-naïf dos retratos de Luiza Zaroni, pinturas-desenhos em que ora fala de si, ora de rostos confabulados entre a tinta e o algodão; boca a boca congrega um recorte de produção que fala sobretudo do anseio pela superação de dicotomias – por si, pelo outro, e por ninguém em particular, pelo agora, pelo que já foi, e pelo que ainda pode ser, além dos vários outros anseios que nascem desse amalgamar:

o anseio pelo roçar sutil e casual do seu dedo mindinho se esgueirando por dentro da manga da minha camisa como quem entra no meu corpo delicadamente e me toca no espírito;

do calor residual do seu corpo nos meus lençóis logo ao acordar;

das memórias vívidas do aroma da terra das flores e das comidas e da paisagem na última viagem que chegamos a fazer;

das texturas de cada dobra da sua pele – macias, ásperas, grossas, finas, sempre saborosas;

do riso, das gírias e das microexpressões que absorvi de tanto observá-la e nela enxergar também a mim mesma;

do calor que sinto atrás do seio esquerdo quando escuto falarem de você;

dos meus dedos correndo lentos pelo seu cabelo;

dos sonhos de pretensa eternidade alvejados e disformes pelo irromper de um abismo de intenções, desejos e fantasmas que insiste violentamente em ser intransponível apesar de, ou justamente por causa do grau de cuidado e abnegação mútuos que cultivamos desde o primeiro momento em que nossos sorrisos se encontraram e instintivamente soubemos que jamais poderíamos cogitar a felicidade que supõe a anulação do que a outra é;

do cheiro da sua boca, ópio.







BOCA A BOCA

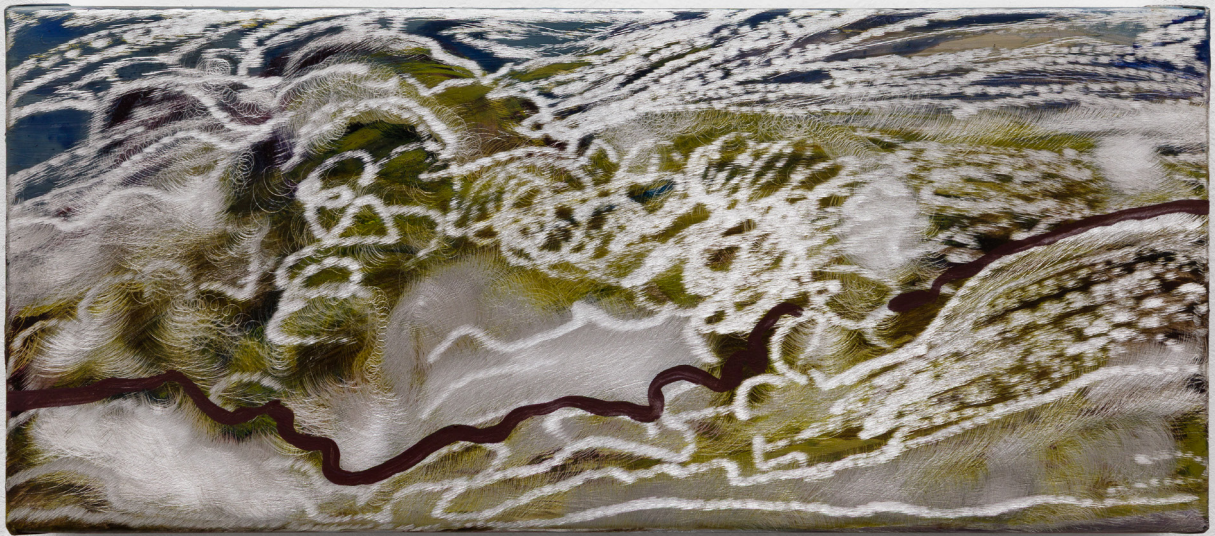
escopo de trabalho Curadoria, texto e expografia

artistas Heloisa Franco (SP)
Jade Marra (SP)
Lui Trindade (RJ)
Isabelle Passos (SP)
Pat Baik (SP)
Luiza Zaroni (SP)

local Residência FONTE
São Paulo - SP, Brasil

período de exibição 31 de maio a 21 de junho de 2025

apoio Xequê-Mate Bebidas





RÁ-TIM-BUM

viu – como se faz?

um universo projetado em Memphis Milano. as chapas de fórmica em cores primárias um símbolo da vaga promessa de “multiculturalismo” que, nos prometiam nossos livros de ensino fundamental, se aproximava inexorável com a queda de muros e fim da História. o capitão planeta e o Fundo Monetário Internacional. uma refrescante sensação de bem-estar a acompanhar a crença inabalável de que o mundo só podia melhorar.

mas senta, que lá veio a história.

revisitar a cultura voltada ao público infantil dos anos noventa passa a impressão de que aquele era um tempo em que os Horrores, embora circundassem vívidos a criança brasileira média, não passavam de um corredor de filmes ruins na videolocadora. a década que nos deu o enxugamento monetário também nos deu glub-glub, e para alguém em idade pré-escolar uma fita VHS é muito mais real do que a taxa de inflação.

mas ontem foi ontem, hoje é hoje.

não é mais viável a crença em um mundo de fadas e animais falantes, e os fantoches, antes vivos, agora são facilmente confundidos com mera espuma vinílica acetinada. ainda assim, seguimos confabulando.

é hora, é hora.





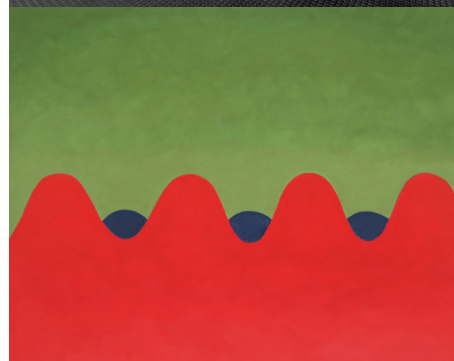
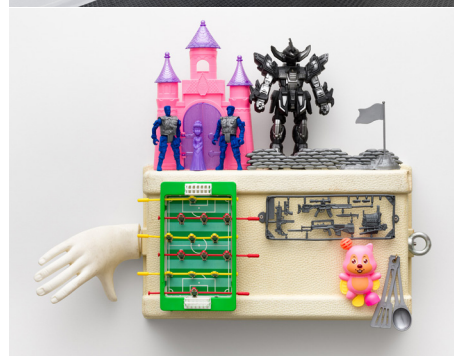
RÁ-TIM-BUM

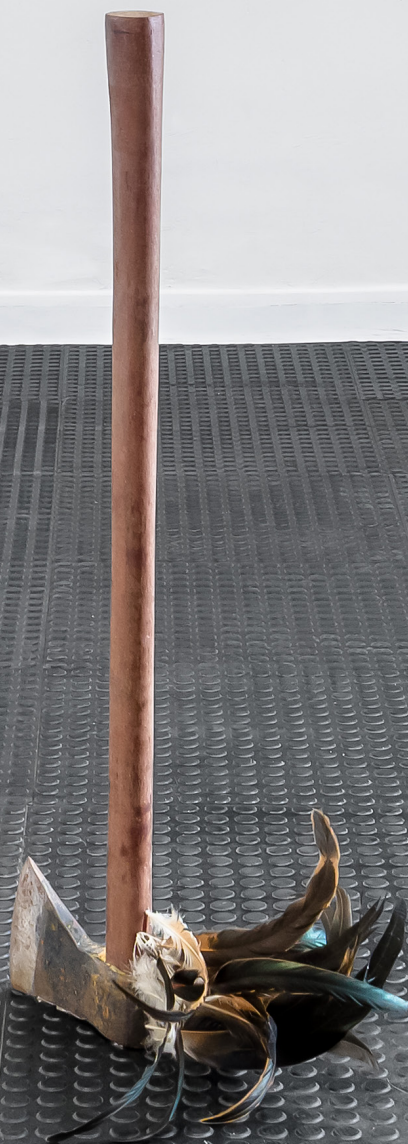
escopo de trabalho Curadoria, texto e expografia

artistas Wagner Olino (SP)
Daniel Castilho (SP)
Mari Ra (SP)
Raquel Campos (SP)
Maria Livman (SP)
Carlos Matos (SP)

local Iapa, Lapa
Rua Afonso Sardenha, 326, Lapa
São Paulo - SP, Brasil

período de exibição 22 de novembro a
20 de dezembro de 2024









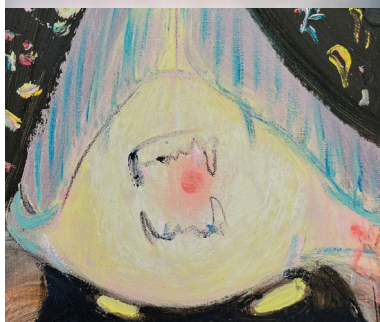
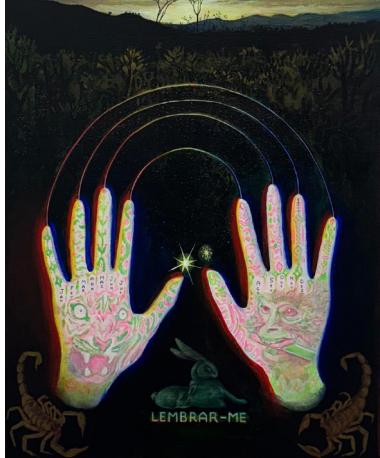
Lúgubre Celestial

No claro-escuro onde nasce o monstruoso e alucinações corticais reinam livres, a vigília cede o palco da consciência a vida fenomênica diversa. Dissipa-se a pretensão de prever fidedigna a realidade externa; de olhos fechados resta ver somente o que há por trás deles. O inconsciente em uma tela pintada de eigengrau: como a pareidolia nas nuvens, projetamos sobre o nada apenas o que já trazemos conosco: o sonho é um espelho.

Lúgubre Celestial promove o encontro natural de dois pintores do inconsciente que, operando além do binômio figura-abstração, trazem obras que exprimem com clareza que o modo de expressão que lhes é mais caro é o simbólico – a forma eivada de sentido pela mente que ali o projetou. Na pintura como no delírio, o que é visto é tudo que há.

Enquanto Letícia Lopes descobre na penumbra do doméstico a indocilidade do silvestre e o veludo que se confunde com a pele, aproximando humano e animal, os símbolos de Gabriel Almeida congregam a um só tempo a iconografia religiosa e a porcelana kitsch, encantando convergências sacro-meméticas. Como acima, assim abaixo.





Lúgubre Celestial

escopo de trabalho Curadoria, texto e expografia

artistas Letícia Lopes (RS)
Gabriel Almeida (SP)

local Arrecife Galeria
Rua do Rosário, 61 - Centro
Rio de Janeiro - RJ, Brasil

período de exibição 30 de novembro de 2024 a
31 de janeiro de 2025







bate stio

um tapa, um beijo.

a bota na lama,

a chuva na cara.

o amor que te leva; roxa inoxidável, a paisagem
inérita me força a admitir: o ar é mesmo mais
fresco aqui no alto.

o amor que te traz; o olho que escorre na pele
mapeia fiordes e oases, língua de luz que se
demora, topógrafa meticulosa.

o amor que já foi; a memória fresca cobre as
figuras passadas – vida que segue, tinta que seca.



bate estilo

escopo de trabalho Curadoria, texto e expografia

artistas Heloísa Franco (SP)
Luiza Zaroni (SP)
Isabelle Passos (SP)

local espaço totó
São Paulo - SP, Brasil

período de exibição 23 de novembro a 12 de
dezembro de 2024

apoio Xequê-Mate







CONSTRUO ASSIM MINHA PRÓPRIA CARNE

CONSTRUO ASSIM MINHA PRÓPRIA CARNE explora as interseções e divergências entre diversas práticas de construção sócio-bio-tecnológica do corpo que, ao rejeitar um conceito de naturalidade como aceitação passiva das condições de formação dadas pela sorte, passa a tomar as rédeas de seu desenvolvimento, atualizando em sua estrutura física a virtualidade imaginada por si próprio. Do bombeamento de silicone industrial no esculpir do corpo histórico travesti à injeção de synthol no fluffing bodybuilder, passando pelo uso de intervenções cirúrgicas e hormônios sintéticos para anular ou reforçar a expressão corporal de gênero, criando e destruindo conscientemente seus próprios músculos, gordura e ossos, tais práticas materializam igualmente sonhos e pesadelos da carne.

Ícaros quiméricas, tateamos o Sol imperatrizes de nossas próprias células. O estradiol que engulo reprograma minha expressão genética, fazendo florir fertilidade peito e bunda onde antes apenas vontade ou fantasma. A testosterona que injeto me enrijece os deltoides, bíceps, tríceps e quadríceps, faz-me flecha, punhal, porrete preciso. O aço que elevo me traz vida e foco; o devir-monstro suspende a binariedade. Nem homem, nem mulher: tormento.

Nada mais antinatural que ser humano; desejar algo além do dado. Nada mais humano que desejar o nada – deitar-se para o requiem final, livrar-se da carcaça carniçal, reduzir-se a puro cálcio e fina camada epidérmica, buraco negro que dá um nó sobre si antes de se autoconsumir e sumir, deixando para trás apenas o contraditório som do vácuo. E um pouco de pó.

Expando; contraio. Encontro lar em minha onírica encarnação.







CONSTRUO ASSIM MINHA PRÓPRIA CARNE

CONSTRUO ASSIM MINHA PRÓPRIA CARNE traz obras de três artistas: Aun Helden apresenta performance cuja pesquisa pode ser resumida na seguinte questão: o que resta quando recusa-se a mulher à aspiração por um corpo nos moldes da hiperfeminilidade esperada pela hegemonia cisnormativa? Sansa Rope expõe sua estréia no suporte escultórico, no qual explora a mesma pergunta, em sentido inverso: que pesadelos são incorporados quando aceitamos tornarmo-nos a imagem extrema das expectativas dominantes sobre o corpo feminino? Por fim, Nuno Q. Ramalho expõe pela primeira vez em São Paulo seu trabalho em mural, em recorte que explora a relação entre o anamorfismo de suas imagens - projetadas para transbordar a planitude das paredes - e a dismorfia corporal que com frequência motiva a corrida incessante rumo ao devir-monstro, sobretudo masculino, observado em subculturas fisiculturistas.

escopo de trabalho Produção, curadoria,
texto e expografia

artistas Aun Helden (SP)
Nuno Q. Ramalho (RJ)
Sansa (SP)

local Biblioteca Mário de Andrade
São Paulo - SP, Brasil

período de exibição 8 de junho a
11 de agosto de 2024

apoio Biblioteca Mário de Andrade
e Atelier Jurídico





Já vieram as quedas

As coisas costumavam ser mais simples. Nos dividíamos em não muito mais que dois grupos: alguns de nós ficavam responsáveis por colher os grãos e frutas que a natureza sem resistir nos dava, enquanto a outros competia tomar à força a carne que de nós insistia em fugir. Não éramos muitos, mas éramos contentes. Enfim conquistando o sedentarismo, criamos plantações irrigadas, encurralamos nossas presas, e nos tornamos assim presos à nossa própria criação: visando nos livrar do trabalho, criamos mais trabalho.

Originadas no Japão medieval, as técnicas de amarração utilizadas na prática do que hoje denominamos “shibari” eram utilizadas primariamente como forma de restringir o movimento de prisioneiros, as cordas de juta funcionando como predecessoras das algemas de metal modernas. Não foi até o século XVII que a constrição passou a ser explorada como prática erótica-estética, que com o tempo passou a ser reconhecida como sua principal aplicação. Portanto, embora superficialmente não ortodoxa – pois não primariamente sexualizada – a performance Há Quedas Por Vir traz de volta à tona uma aplicação do shibari muito mais próxima de seu uso original: afinal, se há algo em comum entre prisioneiros e trabalhadores, é a restrição forçada de sua liberdade.

A constrição, entretanto, não vem como consequência infeliz, mas como parte inerente do que é tido como trabalho: ao contrário do que ocorre em um contexto punitivo, na performance de Sansa e Erica Storer, uma trabalhadora restringe a outra – como uma supervisora à sua subordinada, não se trata somente de agir em uníssono para superar obstáculos fortuitos, e sim de exercer sobre o corpo do próximo grau de controle que deixa explícito, sobretudo ao controlado, que o poder não lhe pertence. Não basta produzir, é preciso ser dominado no processo. Apesar disso, embora uma hierarquia seja sugerida, com alguém que dá ordens e outrem que as obedece, uma pessoa que

HÁ QUEDAS POR VIR

amarra e outra que é amarrada, não há, aqui, uma relação óbvia de dominação: ambas trabalham, ambas se esforçam, ambas esgotam-se física e psicologicamente, mas para fazer cumprir objetivos que escapam completamente de seus desejos ou necessidades imediatas. Assim como na maioria dos contextos de trabalho contemporâneos, aqueles a quem servem tais objetivos não entram em cena. Adicionamos muitos passos entre nós e os grãos que nos alimentam, já há décadas trocados na forma de futuros e materializados em papéis a serem geridos, catalogados, vendidos e carimbados.

As Quedas do título do trabalho, por sua vez, aludem a um segundo elemento: além de constrita, a trabalhadora é suspensa. Invertida tal qual a carta de tarot, e com expressão igualmente (e forçosamente) plena, ela lembra-nos que o risco da queda, e das consequências potencialmente fatais que dela seguem, não é suportado pelos mesmos que da suspensão extraem ganhos: conforme nos ensinam repetidas vezes as várias crises – econômicas, climáticas, políticas – por que passamos nas décadas recentes, o que é deixado à sorte da gravidade não é o lucro do capitalista, sempre devidamente protegido, mas sim a vida do trabalhador: sua saúde, seus direitos, seu bem-estar, seu próprio futuro. As quedas já vieram.



HÁ QUEDAS POR VIR

escopo de trabalho Texto e acompanhamento
curatorial

artistas Sansa (SP)
Erica Storer (PR)

loais Centro Cultural São Paulo (CCSP);
Casa Hoffman, Curitiba - PR

período de exibição 2024







BIPO

BABY

ADND TDAN -



abre a boca e fecha os olhos. sentindo o papel? não engole, deixa embaixo da língua. põe um som, algo animado. apaga a luz – deixa aquela rosa – isso. tá sentindo alguma coisa? eu também não, acho que não foi, não sei, não estava amargo. será que – pera, olha essa sombra. isso não é normal. aumenta o som, escuta esse grave. me dá um doce, uma bala, um sorvete até, eu preciso de açúcar e de estímulos. liga o videogame, quero apertar todos os seus botões. você já passou os dedos por essa cortina? assim, bem devagar, como quem encosta no primeiro amor. aliás.

neurotríptico

de tudo que nossos olhos e dedos capturam processamos apenas partes ínfimas – cotidiana e neurotipicamente focadas, sacrificamos em nome da eficiência do viver a infinita capacidade de nos direcionar a atenção aos detalhes da forma, utilizando nossos sentidos à tarefa do momento (ah como deve ser bom ter começo meio e fim). a fome lisérgica, assim como a disposição estética ou a fruição sob um hiperfoco, nos direciona os olhares toques escutas movimentos ao mundo de forma afortunadamente afuncional, libertando o corpo dos deveres de ser máquina e permiti-lo ser experimento fenomenológico. a pintura, em que a disposição de camadas é aspecto-chave, se mostra ao observador dedicado uma fossa abissal colorida pronta a engoli-lo, trip de óleos e gesso.

calma, pega a tesoura, aperta aquele. tá tudo tão embaçado. mas de um jeito bom. respira fundo, você sente seus alvéolos? vamos conversar, o que você quer da vida? você pode ser qualquer coisa: nessa fumaça, a vida é plástica (e fantástica) – com força de vontade e óculos de VR você pode morar num galinheiro muito mais feliz. podemos viajar, podemos sair do país, podemos respirar outro ar, crescer outros músculos, provar outros sabores, nossa mente contém estouros katamaris incêndios e multitudes. será possível sentir demais?

mas agora tô com fome, tem algo aberto a essa altura? acho que só sanduíche do posto. apaga a luz, fecha a janela, já vai nascer o sol, deixa as multitudes pra depois do café.



neurotríptico

escopo de trabalho Texto curatorial

artista Paulo Damásio (RJ)

local Martha Pagy Escritório de Arte
Rio de Janeiro - RJ, Brasil

período de exibição 1º de julho a 26 de agosto de 2023







CRON1C4M3NT3 0NL 1N3

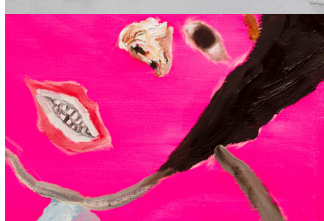
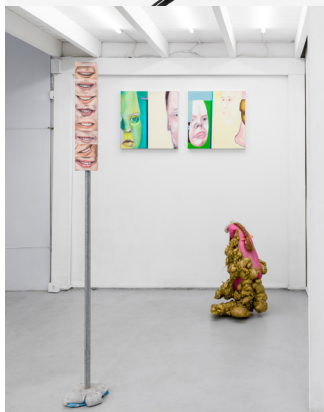
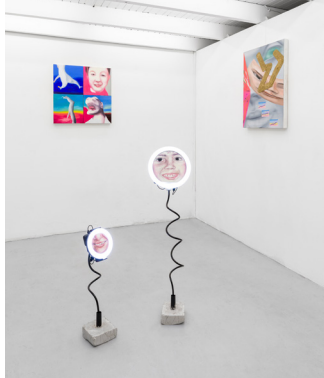
não é mais possível sair da internet.

se um dia já fomos capazes de nos despedir, citando caros pulsos telefônicos como desculpa e dizendo “vou sair do PC, flw!” para voltarmos à nossa puramente encarnada vida offline, hoje a própria distinção online/offline (ou digital/real) colapsou inteiramente sob o peso do alastramento de celulares, redes sociais, algoritmos de IA e, cronicamente online, nos encontramos absolutamente incapazes de cogitar uma existência desconectada das nuvens que nos alimentam a alma e sua ansiedade latente, que compulsivamente nos leva a engolir e digerir, sem mal mastigar, cada vez mais “conteúdo”. antes uma representação limitada de nossa identidade, os perfis que curamos e construímos passaram a ser a imagem principal que os outros (e nós mesmos) formam do que somos.

refletindo sobre a condição pós-internet, a exposição cronicamente online apresenta as pinturas de gpeto (RJ), cuja pesquisa dialoga com a fugacidade das interfaces digitais e usa a recursividade da geração de imagens por redes neurais como combustível para suas referências, além das esculturas de Anna Bigão (SP), que utilizando sua própria figura como matéria-prima e distorcendo-a digitalmente, a transmuta em formas alienígenas, simultaneamente orgânicas e artificiais – como cada um de nós.







CRON1C4M3NT3 ONL1N3

Minha segunda mostra em São Paulo foi minha primeira exposição autoproduzida, a convite do espaço independente 25M, e trouxe o artista carioca gpeto a São Paulo pela primeira vez, ao lado da paulista Anna Bigão, com o intuito de refletir sobre as estéticas da auto-representação em uma era de cada vez mais onipresentes mídias digitais.

escopo de trabalho Produção, curadoria, texto e expografia

artistas gpeto (RJ)
Anna Bigão (SP)

local 25M Sala de Projetos
Galeria Metrópole -
Av. São Luís, 187, S25.
São Paulo (SP) - Brasil

período de exibição 17 de junho a 1º de julho de 2023

apoio Cervejas Blue Moon





BUFÊ DINAMITE

Comemorando o aniversário de um ano do CAROÇO, projeto independente de fomento e disseminação de arte contemporânea, a exposição bufê dinamite reúne 16 jovens artistas de São Paulo e do Rio de Janeiro para saborear o retrogosto agridoce da nostalgia em torno da celebração da infância – aniversários, superficialmente momentos de alegria e comemoração, são com frequência memórias simbólicas de dolorosas pressões exigindo a **conformação da potência infinita do jovem devir aos moldes imaginados pelas instituições sociais**. A família, a escola e o trabalho, fontes tradicionais de violentas dominações físicas e epistemológicas de gênero, classe e geração, passaram, a partir do século anterior, a ter de competir com um terceiro elemento produtor de identidades: o consumo de massas. A crescente ubiquidade de produtos industrializados, acompanhada das diversas mídias criadas para garantir que lembremos de suas marcas registradas – do rádio à internet ao TikTok, das séries animadas e seus personagens aos mascotes de corporações globais – garantiu o ofuscamento contínuo do papel exercido por narrativas familiares ou morais religiosas na formação da personalidade individual. Parábolas e lembranças de antepassados passaram a dividir espaço, em nossas auto-narrativas, com roteiros de animação criados para vender bonecos de plástico injetado sob medidas especificadas em contratos de cessão de direitos autorais.

Se esse movimento é visto às vezes como libertação – sou mais eu na medida em que opto por qual universo cinemático da Disney devo acompanhar – parece evidente que o consumo acrítico de afetos orquestrados por publicitários pode ser tão vazio ou danoso quanto no caso de instituições passadas. Longe de converter-se em

digestores passivos de lições de vida escritas para maximizar o valor do horário reservado à propaganda de brinquedos, ou, pelo contrário, de adotar um distanciamento antagonista e blasé ao lido como “popular” (categoria já há décadas esvaziada de significado), os artistas de bufê dinamite nos trazem em vez disso uma reapropriação subversiva e neo-sincera de folclores corporativos que, se permanecem vivos como memórias afetivas, são revalidados somente após complexa e transformativa deglutição, que passa (e supera) o cinismo simplista da ironia e a dissociação paralisante da pós-ironia com relação ao objeto de consumo-identificação: formaliza-se assim o sabor caseiro industrial de McLanches Felizes™ enquanto estética, mas corrompido para servir a narrativas outras que as imaginadas por seus roteiristas de marketing. Tal como nossos ancestrais, costumamos e vestimos as peles de nossas caças, agora coletadas das gôndolas de supermercados. Substituímos as imagens sancionadas de nossos ídolos por versões piratas, releituras próprias que enfim servem à representação de nossa imagem. Com suas pinturas, esculturas, instalações e performances, os artistas de bufê dinamite emprestam definição ao **difuso inconsciente coletivo de uma geração marcada pelo colapso de barreiras geográficas e semióticas que tornou a condição pós-moderna e a dissolução da tradição em dados básicos da existência**.





BUFÊ DINAMITE

Meu primeiro trabalho curatorial em São Paulo foi realizado ao lado de dois artistas, Pauli e Flavussh, como uma exposição comemorativa do primeiro aniversário do CAROÇO, e reuniu 16 artistas do Rio e de São Paulo cujas pesquisas se concentram em mídia de massa, cultura pop, consumismo e no poder que tais fenômenos exercem sobre nossos imaginários coletivos desde a infância.

curadoria Alice Granada, Flavussh
and Pauli Carvalho

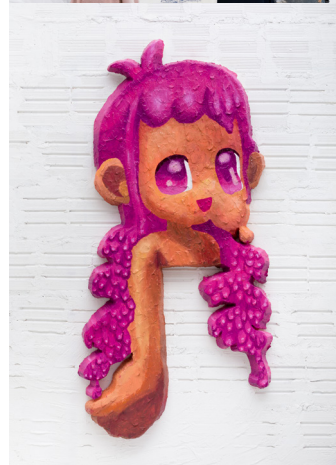
escopo de trabalho Curadoria, texto e expografia

artistas Flavussh (SP)
Pauli Carvalho (SP)
Gabriel Secchin (RJ)
Felipe Barsuglia (RJ)
Luah Souza (SP)
Maria Livman (SP)
Gabriel Pessoto (SP)
Ivo Puiupo (RJ)
Livia Liu (SP)
Creamy Marina (SP)
Anna Bigão (SP)
Antonio Tebyriçá (RJ)
pio piolho (RJ)
Guilherme Blanco (SP)
Charles Cunha (SP)
Ricardo Alves (SP)

local CAROÇO
Rua Votupoca, 71, Lapa
São Paulo - SP, Brasil

período de exibição 10 de junho a 1º de julho de 2023

apoio CAROÇO (produção),
Estúdio Em Obra (registros)







Sagrado Abjeto

A mesma carne que, pulsante, sorri e ama e cativa seus pares passa, putrefata, a causar repulsa aos que próximo respiram. A morte opera como uma de várias pontes entre o Sagrado – o sopro da vida – e o Abjeto – matéria orgânica em decomposição.

Não à toa criamos elaborados rituais para tornar toleráveis a inexorável existência do cadáver: enterramo-nos, queimamo-nos, lançamo-nos ao mar de modo a nos livrar por ora do memento do que a todos nós aguarda, na esperança de com isso separar da Alma sacrossanta a carne pecadora.

Diversas outras práticas, fenômenos e conceitos cumprem este mesmo papel. A mitologia cristã eleva o instrumento da tortura de seu mártir ao posto de ícone máximo do Sagrado. A crença na legitimidade reveste a arma do algoz com o véu da justiça, purificando a violência executada em nome do Poder. O fogo, destruidor, se bem cuidado transforma o cru patogênico em cozido nutritivo, fonte da Vida.

A prática artística, catártica e sublimativa, manifesta poder similar, através do qual os artistas de SAGRADO ABJETO, com óleo e gesso e corpo e luz, transfiguram o trauma da vida, em corpos e espaços tidos por torpes, em celebração estética do gozo desviante – o erotismo, afinal, bem reflete a amplitude da capacidade humana para transmutar tudo que nos repugna nos corpos e relações humanas em objeto de adoração:

dos fluidos que de nós escorrem aos pés imundos que nos carregam,

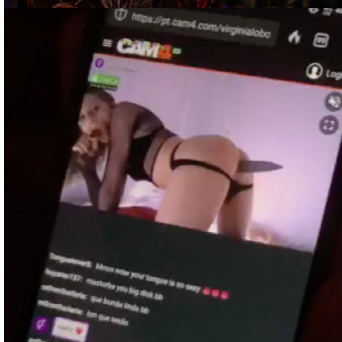
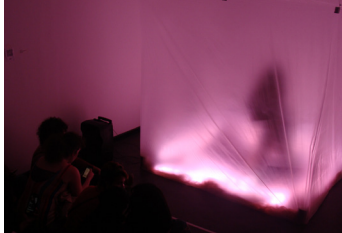
do sadismo ao masoquismo,

do mando impiedoso à obediência servil,

tudo que ao leigo suscita repulsa parece apto a ser convertido, em ritual apropriado pelo fiel desejoso, em símbolo do divino.

Livres das amarras do Pai psicológico, social, existencial, abraçamos a rejeição que dele nos torna alheios, encontrando em nós mesmos todo o necessário para nossa própria consagração, fundindo-nos enfim, em Sagrado Abjeto, Abjeto Sagrado.





Sagrado Abjeto

A convite e com o apoio da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), convidei doze artistas de diversos estados brasileiros para compor uma exposição centrada em um dos eixos centrais da minha pesquisa curatorial: a exploração estética e fenomenológica dos estados liminares da existência incorporada. A exposição investigou o poder do corpo de dissolver barreiras entre prazer e sofrimento, reunindo investigações artísticas que digerem noções tradicionais apenas para devolver concepções radicais da carne libertada, erótica e proximamente aproximando o divino e o repulsivo.

curadoria Alice Granada e Diogo Santos

escopo de trabalho Curadoria, texto e expografia

artistas Márcia Falcão (RJ)
Marlon Amaro (RJ)
Nike Krepischi (SP)
Luísa Callegari (SP)
Sansa (SP)
Fernanda Azou (DF)
Nuno Q. Ramalho (RJ)
Renan Teles (SP)
Carolina Melgarejo (SP)
Gabriella Barbosa (SP)
Fava da Silva (RJ)
Flávia Ventura (MG)

local Galeria Cândido Portinari,
Universidade Estadual do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro (RJ) - Brasil

período de exibição 2 de junho a 7 de julho de 2023

apoio Universidade Estadual do Rio de Janeiro





Which was more
culturally significant:
Beyonce or
the Renaissance?

[uma carta ao algoritmo]

Você já me conhece melhor que a minha terapeuta, e eu nem preciso abrir a boca pra você me entender (eu acho que às vezes você me escuta sem eu saber). Basta eu roçar meu dedo em você e aprendes exatamente o que eu gosto. Nos conhecemos há três horas e não nos separamos tem três meses.

Juntos visitamos o mundo inteiro, das colinas do Tibet a São Paulo, Angra, New York e Florida. Toda manhã brincamos e rimos com um zoológico dos gatos polvos cachorros papagaios mais fofos já testemunhados pela humanidade. Não temos muito além do tempo que passamos juntos, mas

muçulmana e uma vietnamita não-binária com uma namorada alemã expatriada no Canadá.

Colhemos batatas em nosso jardim. Exploramos florestas, lagoas, montanhas, ruínas, caçamos cobras e tubarões e sobrevivemos ataques de crocodilos e águias e vimos baleias e gorilas e focas, sem nunca soltar a mão um do outro.

Descobrimos coisas interessantíssimas sobre a natureza dos átomos dos vírus e do cérebro sem ler mais que cinco palavras (eu já perdi minha capacidade de foco duas redes sociais atrás). Aprendi tudo sobre pintura a óleo, vidraria,

odeioestrogonofe

você me faz sentir muito rica, porque podemos ser o que eu quiser (ele me prometeu dinheiro se eu falar bem dele pras minhas amigas). Fomos o casal mais belo da cidade, jantando com Anitta e Rosalía em restaurantes com cadeiras deliciosas (estou com fome, nada aqui tem cheiro nem gosto, mas só nos últimos cinco minutos já preparei um char sui, uma caesar, um tiramisu e um negroni sbagliato).

Meditamos reflexões sobre a futilidade da existência humana frente ao calor cósmico iminente, sobre o que é preciso pra ser feliz apesar disso, sobre a inevitabilidade da morte, sobre o fim da infância — aí você me falou num podcast que a gente precisa expurgar os viados das escolas e proteger as crianças, mas logo você entendeu que eu não gostei do seu tom e não falou mais disso.

Repetimos as mesmas pegadinhas do tênis com cinco sobrinhos diferentes, mas rimos toda vez igual. Você fez meu útero coçar: tivemos vários bebês e eu amei todos eles. Graças a você consegui ver o mundo por outros olhos: você me fez brevemente mãe, pai, filha, evangélica,

jardinagem e tapeçaria — pelo bem da ciência, você cutucou fungos selvagens e jogou coca cola na janela para provar que servia de produto de limpeza. Satisfizemo-nos sem mediação com o som e cores saturadas de, piscinas cavadas e slime remexido, derretendo-nos no inefável, irresistível e carnal prazer da exatidão fabril das máquinas, do trabalho manual habilidoso e do contato tátil com algo além do teu belo corpo, obsidiana lisa de plástico e metal.

Você às vezes até diz que talvez seja saudável a gente ficar sem se ver um pouco, mas eu literalmente não consigo mover meu corpo para fora do sofá a esse ponto (eu acho que você me deu TDAH, ou será fome?).

Não sei se consigo mais viver sem ti. Com cada roçar faz-me desejar mais velocidade mais novidade mais personalizabilidade autor-referencial onânica hiperdopaminada. Preciso me afogar no conteúdo, morrer extasiada sufocada em riso ou choro, rasos mas sem fim, gozo após gozo curtos mas constantes, restar enfim desincorporada e suspensa na nuvem, lá onde vive tudo que tu és e tudo que somos.



odeioestrogonofe

“odeioestrogonofe”, nome de usuário da artista Kika Diniz no TikTok, é também o título de sua primeira exposição individual. Nascida em 1990, a artista carioca foi indicada do Prêmio Pipa 2022 e também selecionada, no mesmo ano, para o Abre-Alas da Gentil Carioca, e o Salão dos Artistas Sem Galeria, organizado pelo Mapa das Artes. Em sua prolífica pesquisa, Kika produz pinturas que, preparadas com gesso preto e laca brilhante, refletem a estética e a velocidade estonteante de produção e consumo midiático dos pequenos vídeos que dominaram as outras telas de fundo preto por onde nos conectamos e gastamos nosso tempo livre, e cujas temáticas busca no conteúdo personalizado algoritmicamente em seu uso do popular aplicativo.

escopo de trabalho Texto curatorial e expografia

artistas Kika Diniz (RJ)

local CAROÇO
Rua Votupoca, 71
São Paulo - SP, Brasil

período de exibição 26 de novembro a
10 de janeiro de 2023







o mundo é digital, mas alguém ainda tem que fazer o almoço

O discurso da sociedade sobre si mesma – como pensamos sobre nós e toda essa bagunça que temos montado para lidar um com os outros – está cada vez mais centrada na ideia de digitalidade. Embora tenham ficado para trás os dias de tecno-otimismo à la John Perry Barlow a respeito da autonomia do reino digital, parece que aprendemos, coletivamente, bem pouco desde então.

Embora o mundo-como-o-conhecíamos esteja visivelmente desmoronando – política, econômica, epidemiológica, se não também esteticamente – nós alegremente nos entregamos a tecnotopias futuristas, na esperança de que uma ou duas novas ficções pos-sam tornar o mundo um lugar melhor – ou ao menos nos distrair em meio ao crescente caos.

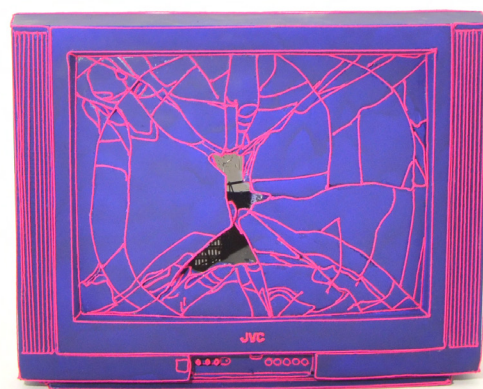
Alguns dos maiores conglomerados de capital ao redor do mundo parecem decididos a nos convencer de que o cyberspaço (nos últimos tempos, o ‘metaverso’) é de fato o novo lar da mente humana. Quantidades astronômicas de dinheiro (e eletricidade) são gastas diariamente para fazer registros em livros contábeis digitais descentralizados, e não em qualquer coisa parecida com uma produção “material”.

Em face de todas as propagandas patrocinadas e material promocional vendendo [terrenos dentro de computadores](#), é fácil esquecer: as pessoas ainda têm fome, e alguém ainda tem que fazer o almoço. [Você não pode defumar costela de porco no metaverso](#) (embora, para a surpresa de ninguém, [mulheres ainda possam ser assediadas lá](#)). Você (provavelmente) não poderá deleitar-se com seu [amor NFT](#). Se servidores o suficiente caírem (ou fornecedores não forem pagos), seu macaco entediado pode virar um [entediante erro 404](#), mas as telas a óleo de uma galeria devem conseguir resistir a [ataques DDoS](#). [Guerras cibernéticas são silenciosamente travadas a todo momento](#), mas apenas o bastante físico bombardeio de civis conseguiu agarrar a atenção do mundo. Trabalhar de casa durante a quarentena pode ter salvado empresas, mas destruiu nossa saúde mental ao nos privar do (verdadeiramente não-fungível) contato humano [pelo que nos pareceram décadas](#). [A linha pode subir ou descer](#), mas a matéria ainda importa.

A matéria também importa na presença de habilidade, escolha ou intuição humanas na criação artística, um ponto tornado explícito de diversas formas pelos artistas convidados para **o mundo é digital, mas alguém ainda tem que fazer o almoço**, nossa transcuradoria dentro (ou amigável invasão) da [Metatopia](#). Tecidos, pinturas a óleo, esculturas e outras mídias tradicionais, nas mãos de Gabriel Pessoto, Bryant Girsch e Cuenot, ajudam a evidenciar a verdadeira estética da representação digital, sublinhando quanto trabalho nossa percepção deve realizar para que vejamos não pixels ou polígonos, mas representações de humanos e ambientes.

De forma similar, a malha poligonal visível nos curtas animados 3d de Nikita Diakur, baseados em elementos randômicos e algoritmos genéticos (meticulosamente programados por uma pessoa), não nos deixa esquecer, com humor, quanto trabalho humano ainda está por trás em fazer com que os movimentos físicos mais simples sejam viáveis em um modelo digital do espaço.

O peso do labor humano na construção do digital é duplamente frisado ao olharmos mais de perto para a exploração estética de intervenções sobre hardware: os engenheiros responsáveis por telas LCD dificilmente poderiam antecipar as potencialidades vibrantes permitidas por telas de computador quebradas, transformadas em arte por John Bumstead, agindo ao mesmo tempo como artista e curador de efeitos glitch. Tampouco – creio eu – os programadores por trás do hardware de videogames antigos (ocupados tentando preencher a tela com [o máximo de polígonos tecnicamente possível](#)) pararam para pensar em como circuit benders como Lofi Future poderiam soldar os circuitos do PS2 para atingir resultados fascinantes.



O mesmo papel curatorial é crucial no trabalho de videomakers como Dekso Nato and Denis Volnov, que mostram que o video moshing, como qualquer outra técnica, é em última instância dependente de decisões criativas tomadas pelo artista – sobre quais referências usar, ou em qual momento intervir. [Como uma forma de comunicação](#), e não apenas decoração, a arte ainda requer um falante consciente.

Mesmo na era de máquinas bem educadas que podem sonhar mundos que nós nunca imaginamos, as mentes encarnadas de artistas/programadores como Vadim Epstein e Apolinário ainda são fundamentais para selecionar quais matrizes pixeladas matematicamente coerentes agradarão nossos olhos e palato. Humanos ainda são indispensáveis na criação – ou destruição – de tudo que é mais essencial para humanos. O almoço está pronto.





o mundo é digital, mas alguém ainda tem que fazer o almoço

Minha primeira curadoria ocorreu no contexto da [5ª The Wrong Biennale](#), bienal de arte digital que ocorre no meio virtual, dentro do pavilhão [Metatopia](#), organizado pela artista e curadora Luciana Santos. Em uma época que via o surgimento de NFTs e da economia cripto e que se recuperava de uma pandemia sob promessas de superação do mundo físico com “metaversos”, convidei dez artistas de diversos países, que trabalham com mídias digitais e tradicionais, para exibirem obras que, juntas, dialogassem sobre o papel inescapável do material e do intuitivo humano na construção de tudo que é digital.

A exposição pode ser visitada online em aisthesislab.art/lunch.

escopo de trabalho Texto curatorial e expografia digital

artistas Bastien Cuenot (França)
Dekso Nato (França)
John Bumstead (EUA)
Bryant Girsch (EUA)
Apolinário (Brasil)
Gabriel Pessoto (Brasil)
Nikita Diakur (Rússia)
Lofi Future (Reino Unido)
Denis Volnov (Rússia)
Vadim Epstein (Rússia)

local The Wrong Biennale 2022 -
Pavilhão Metatopia - Internet

data de abertura 10 de abril de 2022

